

A presença das redes sociais em manifestações públicas: O engajamento popular através do Twitter nas manifestações de 2013 no Brasil¹

Amanda AMORIM²

Calianne Celedônio³

Natanael LEÃO⁴

Joseylson FAGNER⁵

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN

Resumo

A internet transformou as relações sociais através da facilidade de comunicação. Nesse sentido, as redes sociais são ferramentas eficazes na interação virtual entre milhões de pessoas. Aos poucos, tais redes engajaram-se em diversas esferas, como a educacional e política. O presente artigo explora sobre a presença das redes sociais, especialmente o Twitter, nas manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil. Foram estudados livros e trabalhos científicos acerca do tema, além de leituras correntes e textos jornalísticos. A pesquisa sobre a influência das redes nas mobilizações populares revelou que o ativismo online se desenvolveu rapidamente e com força nas últimas décadas, favorecendo a articulação entre organizadores de diversas localidades, além de promover a deliberação entre usuários e cobertura alternativa dos protestos, fortalecendo as manifestações.

Palavras-chave: Manifestações; Ciberativismo; Redes sociais; Twitter.

Introdução

Uma série de manifestações populares ascendeu em várias cidades no Brasil, em junho de 2013. O país vivia euforicamente a espera da realização da Copa das Confederações que, dessa vez, seria realizada em território brasileiro, despertando em muitos um nacionalismo quase esquecido.

Paralelamente, parte da população estava insatisfeita com os rumos que o país estava trilhando. A priori, aumento nas tarifas nos transportes públicos serviu como estopim, contudo, novas temáticas foram sendo abordadas ao longo do desencadeamento dos atos no período.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da FAFIC-UERN, email: amanda6amorim@gmail.com

³ Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da FAFIC-UERN, email: caliannec12@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da FAFIC-UERN, email: natanleao23@hotmail.com.br

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da FAFIC-UERN, email: jofagner.edu@gmail.com

Desse modo, as manifestações foram se estendendo e alcançando inúmeras pessoas que passaram a se identificar com as pautas abordadas, ganhando, assim, força, vez e voz diante da mídia e dos governadores, além do restante a população.

Nesse sentido, as redes sociais disponibilizaram um ambiente e uma plataforma bastante favorável ao engajamento da sociedade na época, permitindo que esta mobilizasse outras pessoas, manifestasse suas ideias e posicionamentos; organizassem seus atos, entre outras ações.

Nessa esfera, o Twitter despontou com uma das principais redes sociais que foram usadas naquele instante devido à suas marcantes características, entre elas: velocidade, dinamicidade e compartilhamento de informação.

Portanto, esse projeto objetiva explorar o engajamento que as redes sociais, e principalmente o Twitter, possibilitou nas manifestações de junho de 2013, levando em conta a forma como os manifestantes se posicionaram não somente nas ruas, mas também virtualmente. Para esse fim, realizamos pesquisas relacionadas ao tema que nos permitissem entender como o Twitter se tornou uma poderosa arma que estava disponível virtualmente à população para articulação, organização, envolvimento, entre outras ações.

Contextualizando: História das manifestações

Diferentemente dos protestos, que abordam a insatisfação em relação à determinada causa, as manifestações populares possuem o intuito de lutar a favor de algum interesse. Podemos compreender como uma forma de ativismo, ou seja, uma ação efetiva que pretende transformar uma realidade, priorizando a prática em detrimento à atividade puramente teórica.

Assim ocorreu no ano de 2013. Uma série de manifestações populares despontou em diversas cidades do território brasileiro de forma repentina para a maioria da população. Todavia, alcançou a atenção das mídias, do governo e da sociedade.

Tendo como estopim o aumento das tarifas nos transportes públicos, as manifestações desencadeadas em junho de 2013, passaram a obter diversas outras pautas, abordando, também, o Projeto de Emenda Constitucional (PEC-37) que impossibilitava o Ministério Público de investigar crimes de corrupção, conferindo às polícias federal e civis a responsabilidade por tal prática, o descontentamento popular diante dos excessivos gastos com a Copa das Confederações que seria sediada no Brasil, além de diversos outros aspectos, como a deficiência nos setores da saúde, da educação e segurança, por exemplo.

Diversas pessoas passaram a se identificar com essas distintas causas, sendo mobilizadas e somadas ao movimento. Segundo o Jornal do Brasil, especialistas que analisaram o cenário de junho de 2013, chegaram à conclusão que as manifestações obtiveram 80% do apoio popular e seu impacto foi comparado ao episódio do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, onde uma campanha popular tomou as ruas, após muitos anos de ditadura militar e eleições indiretas para presidente, para pedir o afastamento do cargo do presidente, que estava sendo acusada de corrupção e esquemas ilegais em seu governo, a campanha “Fora Collor” mobilizou muitos estudantes que saíram às ruas com rostos pintados para protestar.

Nas manifestações de 2013, A música “Vem pra rua”, composta por Henrique Ruiz Nicolau, mas popularmente conhecida na voz de Marcelo Falcão, vocalista da banda “O Rappa”, foi não somente o hino que embalou muitos atos naquele momento, mas um convite à população para que deixasse suas residências e dessem ainda mais corpo ao movimento a fim de fortalecê-lo.

Paralelamente, as manifestações passaram a acontecer virtualmente também, usando as redes sociais, que providenciaram um local favorável, como plataforma onde os manifestantes podiam estabelecer seus tentáculos a fim de alcançar, organizar, discutir e mobilizar outras pessoas, tendo como precursores os membros do Movimento Passe Livre (MPL), um movimento social, apartidário, caracterizado pela luta por um transporte público e totalmente gratuito livre de iniciativa privada.

Nesse sentido o ativismo online, isto é, um conjunto de práticas em defesa de determinada (s) causa (s), realizado nas redes cibernéticas, obteve grande impacto durante a organização das manifestações e tinham a finalidade de disseminar de ideias, organizar ações complexas e obter maior velocidade na comunicação entre os ativistas e ou simpatizantes.

No Twitter, aconteceram incontáveis menções às causas das manifestações por meio dos podcast, isto é, uma forma de publicação via Internet de programas de áudio que falam sobre determinados assuntos.

Ademais, diversas *hashtags*, ou seja, palavras ou expressões-chave associadas a uma informação, sinalizadas com o símbolo de "jogo da velha" (#) como primeiro caractere, foram levantadas. “#Vempraru” e o “Ogiganteacordou” são algumas *hashtags* que marcaram o momento.

Dessa maneira, o movimento não aconteceu restritamente nas ruas, ou somente nas redes, pelo contrário, realizou-se conjuntamente em uma relação de cumplicidade, onde, por vezes, os manifestantes eram os mesmos na rua e na rede.

Nas ruas, houve uma pequena parte dos manifestantes que realizaram ações de vandalismo, pichando comércios, quebrando vitrines, ateado fogo em veículos, depredando e saqueando lojas, por exemplo. Evidenciou-se, também, a presença dos *Black Blocks* (Bloco Negro), grupo de ativistas que se caracterizam por causar danos materiais a fachadas de empresas multinacionais e vidraças de banco, por exemplo, sendo comumente associados à violência e depredação.

Simultaneamente, houve uma forte repreensão por parte da polícia, por vezes, revelando seu despreparo, agindo injustamente com truculência, descaso e indiferença, ao invés de assegurar proteção e cuidado, conforme alguns manifestantes apontaram. O episódio da repórter da TV Folha Giuliana Vallone, foi um dos exemplos entre tantos outros que foram vítimas do abuso da autoridade daqueles que deveriam ser pacificadores. A repórter conta que um policial mirou em sua direção e disparou. “Não estava protestando, não tinha nenhum manifestante na rua em confronto. Ele simplesmente apontou a arma na minha direção e atirou”, afirmou a repórter.

Dessa forma, foi adquirindo repercussão e estampando diversos jornais internacionais, entre eles o espanhol “El País”, o francês “Le Monde” e o americano “The New York Times”, além dos nacionais como “O Globo” e “O Estadão”.

A mídia brasileira se revelou como manipuladora, a priori buscou suprimir, revelando, dessa maneira, sua condenação ao movimento. Não obstante, à medida que o fenômeno se alastrou, a mídia alterou sua avaliação inicial, passando a cobrir os acontecimentos de forma indiferente e apática, como se fosse apenas uma observadora neutra.

Mais de 300 mil brasileiros foram às ruas de mais de dez capitais, inclusive Rio de Janeiro e São Paulo no dia 17 de junho, num ato pacífico que, mas que em algumas cidades culminou em desordem. Em Brasília, manifestantes ocuparam no mesmo dia o Congresso Nacional. No dia 20 de junho, mais de 1,5 milhão de pessoas ocuparam as ruas em 120 cidades. Todo o período da Copa no Brasil foi marcado por manifestações nos estados.

No dia 21, a presidente Dilma Rousseff fez um pronunciamento relacionado às manifestações no Brasil. Em cadeia nacional de rádio e televisão, a presidente disse estar atenta às reivindicações, ressaltando positivamente a “força de nossa democracia” e o

“desejo da juventude de fazer o Brasil avançar”, destacou a legitimidade dos pedidos de mudança, afirmou que as tarifas baixaram e que as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional, contudo, condenou os atos de vandalismo e violência. No dia 24, a presidenta, governadores e prefeitos se reuniram para estabelecer pactos, a fim de definir ações para melhorar os serviços oferecidos pelo Estado.

Por fim, questões que antes tinham sido colocadas como pautas para as manifestações encontram-se, hoje, resolvidas, como a diminuição das tarifas nos transportes públicos, por exemplo. Entretanto, no âmbito educacional, político, social, dentre outros, ainda, como nação, prosseguimos sem resultados satisfatórios.

Deixando-nos, assim, a impressão de que da mesma forma como as manifestações brasileiras de junho de 2013 surgiram, de maneira inesperada e impetuosa, assim também se extinguiu, colocando-nos em dúvida se “o gigante” realmente acordou ou se continua dormindo em “berço esplendido” depois de um ataque de sonambulismo súbito.

O uso das redes sociais em manifestações populares

Com o surgimento da internet no final do século XX e sua expansão da década de 1990 a conexão entre pessoas de variados segmentos foi facilitada significativamente. Nesse cenário de ascensão surgem as redes sociais, caracterizadas como sites que possibilitam o relacionamento virtual entre diversas pessoas ou empresas que possuem objetivos em comum. Tal relação ocorre sem subordinação ou hierarquia entre os usuários das redes, transformando o panorama da comunicação e interação no âmbito social.

As redes podem funcionar em diferentes esferas, sendo a de relacionamentos a mais conhecida. Facebook, Twitter e Orkut são exemplos desse tipo de rede, que proporciona contato virtual mais próximo entre as pessoas. As redes sociais são dotadas de variados recursos como bate papos ou conversas em tempo real, vídeos, jogos, grupos de discussão, entre outros. Através das redes, é possível compartilhar informações de objetivo comum. Desta forma, o usuário é capaz de produzir e divulgar mensagens e partilhar notícias nesse ambiente de interação, desencadeando uma construção coletiva de conhecimento.

Um levantamento feito em dezembro de 2015 pelo Facebook em parceria com a Internet.org, cujos dados integram o relatório *State of Connectivity 2015: A Report on Global Internet Access* indica que 3,2 bilhões de pessoas estão conectadas à internet no mundo, o que corresponde a 44% da população mundial. Sérgio Matsuura informa através de uma reportagem publicada no jornal O Globo em março de 2016, que o Facebook é a

rede social com maior quantidade de usuários no mundo, sendo acessado por cerca de 1,6 bilhão de pessoas. O Twitter conta com 320 milhões de usuários.

No *Campus Party 2016*, principal evento tecnológico no Brasil, Ime Archibong, diretor de parcerias estratégicas do Facebook, informou que a rede conta com 99 milhões de usuários ativos mensais brasileiros. Tantos os dados nacionais como internacionais, apontam o grande alcance das redes sociais e seu poder na veiculação de conteúdos diversos e fluxo de informações.

As redes sociais são um espaço de autonomia para seus usuários, pois os mesmos assumem o papel de agentes produtores de informação. Nas redes, o conhecimento é compartilhado livremente, ao contrário das notícias veiculadas pelas mídias corporativas, pois as mesmas estão sujeitas à influência de políticos e empresários, ocasionando notáveis distorções na imparcialidade de seu jornalismo.

O jornalista e sociólogo Venício A. de Lima, através de um artigo publicado no site jornalístico “Observatório da Imprensa” faz uma reflexão acerca da interferência política em empresas de comunicação, sobretudo na manutenção de leis que regulam esse setor.

Apesar de a Constituição reza que ‘os Deputados e Senadores não poderão firmar ou manter contrato com pessoa jurídica de direito público, autarquia, empresa pública, sociedade de economia mista ou empresa concessionária de serviço público, salvo quando o contrato obedecer a cláusulas uniformes’ (alínea ‘a’ do inciso I do artigo 54), muitos deles mantêm vínculos com empresas privadas concessionárias do serviço público de radiodifusão, numa viciosa circularidade que inviabiliza a aprovação de projetos que regulem as normas e princípios constitucionais sobre a comunicação social no Congresso Nacional (LIMA, 2013, n.p.).

Desse modo, apesar de que a Constituição brasileira de 1988 proíba o controle estatal sobre a mídia, inúmeros políticos apropriam-se de veículos de comunicação para que os mesmos difundam informações de interesse privado. A manipulação dos meios de comunicação é, historicamente, usada como estratégia para a confirmação do poder do Estado ou de grandes empresários, donos de monopólios ou oligopólios midiáticos.

Diante disso, a confiança dos consumidores em grandes estações de rádio, televisão além de jornais e revistas diminuiu drasticamente. Uma das críticas nas manifestações em junho de 2013 no Brasil foi voltada para a Rede Globo de Televisão, acusando-a de manipuladora e repudiando o apoio da empresa à ditadura militar e empresarial de 1964.

As redes sociais têm sido cada vez mais usadas como armas para enfrentar a mídia corporativa. Através da interação, que nos permite compartilhar conhecimento, as redes tornaram-se grandes veiculadoras de notícias. Empresas de comunicação de pequeno, médio e grande porte mantêm seus perfis no Facebook, Twitter e YouTube, por exemplo, para distribuir conteúdos diversos. Tal pluralidade possibilita que os usuários desfrutem de um equilíbrio maior das informações e que possam compartilhar tais conteúdos.

A diversidade de informações provenientes de empresas midiáticas que usam as redes como ferramentas de extensão do seu alcance, somada aos perfis, jornalísticos ou não, que atuam exclusivamente nas redes e o poder de comunicação dos usuários, aponta esse espaço virtual como sendo mais propício à liberdade de expressão, garantindo-lhes autonomia.

De acordo com o professor adjunto do Departamento de Mídia, Cultura e Comunicação da Universidade de Nova York (NYU), Alexander R. Galloway (2010), as redes são como “estruturas que tendem a neutralizar os efeitos dos centros de poder tradicionais.” Afirmando o poder destas contra os grandes monopólios. O professor ainda ressalta que “redes e hierarquias estão sempre em oposição umas às outras”. Reforçando a ideia de que redes sociais são espaços de igualdade entre usuários, onde todos são capazes de produzir informações e ter acesso a conteúdos imparciais, livres dos interesses dos grandes magnatas da comunicação ou política.

Diante do seu caráter autônomo, as redes foram usadas como ferramentas contra o abuso de poder de instituições e governos. Um dos grandes exemplos é a Primavera Árabe, uma onda de protestos que aconteceu em países do norte da África e parte do Oriente Médio a partir de 2010, fortalecendo-se em 2011. Derrubada de governos autoritários, melhoras na qualidade de vida e realização de eleições estavam entre as reivindicações das manifestações.

Devido a expansão da internet e dificuldades de controle do espaço on-line, ou ciberespaço, as redes sociais foram usadas pelas pessoas contrárias aos governos ditatoriais para denuncia-los e mobilizar protestos. As organizações em redes permitiram que a insatisfação dos usuários tomasse grandes proporções na internet, refletindo nas manifestações virtuais ou em espaços públicos.

Viviane Brunelly Araújo Tavares, bacharela em Relações Internacionais, comenta sobre o engajamento das redes sociais, especialmente Twitter, Facebook e YouTube, nas manifestações da Primavera Árabe.

Essa massa insatisfeita fez uso das novas tecnologias e das mídias sociais, como telefones celulares, mensagens de texto, redes sociais e da internet para convocar o povo às ruas e juntos protestarem contra o governo. O Twitter era usado para a marcação de encontros pelos ativistas e para a disseminação de informações sobre o protesto. O Facebook era utilizado para debates, divulgação de locais e hora dos protestos, fotos e vídeos. O YouTube servia como ferramenta de armazenamento de vídeos (TAVARES, 2012, n.p.)

As redes sociais contribuíram positivamente para a organização, divulgação e cobertura dos protestos na Primavera Árabe. Tal participação levou os governos do Egito e da Líbia a cortar o acesso à internet, reforçando a ideia de que o meio virtual foi a grande arma dos manifestantes. Apesar da restrição, o governante egípcio Hosni Mubarak e o líbio Muamar Kadhafi não conseguiram se sustentar no poder.

A eficácia dos protestos, que começaram na Tunísia, fez com que os mesmos se espalhassem por vários países, como Síria Iêmen, Bahrein, Egito, Líbia e Jordânia. Alguns governos ditatoriais chegaram ao fim, outros continuaram, mas com uma maior flexibilização ou menos rigidez. Diante dos fatos, é possível perceber que a série de manifestações ocorridas em várias nações do Oriente Médio e continente africano marcou o início da participação da internet, especialmente das redes sociais, em manifestações populares.

O descontentamento com as políticas nacionais, assim como nos países árabes, motivou a onda de manifestações no Brasil em 2013. A Primavera Brasileira ou Jornadas de Junho, contou com a ampla inserção da internet para a sua sustentação. O movimento marcou o início da parceria entre redes e ruas no país, destacando-se na história do país.

Houve grande participação das redes sociais na cobertura inicial dos protestos, vistos pela grande mídia como um movimento de baderneiros, onde o vandalismo era o maior objetivo. Com o aperfeiçoamento dos aparelhos celulares, possibilitando-os gravar vídeos e tirar fotos com mais qualidade, além de ter um bom acesso à internet, usuários usaram suas contas virtuais para divulgar informações a cerca das manifestações, realizando uma cobertura alternativa desse momento.

À medida que a cobertura das manifestações ganhou espaço nas redes, cresceu o uso da internet para divulgar o movimento. Perfis no Facebook ou Twitter, como o “Vem Pra Rua”, foram usados para informar os internautas sobre as reivindicações dos manifestantes, além de convidar a sociedade a participar das mobilizações populares.

A rápida comunicação pela internet possibilitou a articulação eficaz entre lideranças de diversas cidades, ocasionando a organização simultânea de protestos em várias partes do país. Tal fluxo de informações fez com que as manifestações fossem aceitas por boa parte dos brasileiros, identificando o movimento como nacional, e não restrito apenas a uma cidade.

O mesmo espaço virtual que “deu voz” à população foi usado por políticos para apresentar suas impressões sobre o que estava acontecendo, assim como é usado constantemente por sua equipe de assessores, a fim de divulgar seus trabalhos. Ou seja, as redes virtuais também foram e continuam sendo um espaço para interação entre representantes políticos e seus eleitores, fomentando a democracia.

As deliberações ou conversas sobre a esfera política, social e econômica no Brasil tomaram conta das redes sociais e, conseqüentemente, do cotidiano dos brasileiros de diversos segmentos sociais. Comentários realizados em vídeos e fotos publicados nas redes possibilitaram um amplo debate a cerca da manutenção dos serviços prestados pelos governos federais, estaduais e municipais, além de refletir a importância dos eventos esportivos que aconteceram no Brasil.

Os debates e conversas virtuais, além da ampla divulgação nas redes sociais culminaram na grande participação popular nas manifestações, além do forte apoio por parte da população. A mobilização das redes repercutiu nas ruas. A ação de diversos usuários no ciberespaço fomentou os protestos, incentivando a participação de outros sujeitos nos mesmos. Conforme Castells (2013) “esses indivíduos constituem uma rede conectando-se mentalmente com outros indivíduos e por que são capazes de fazê-lo, num processo de comunicação que, em última instância, leva à ação coletiva”.

Portanto, o engajamento das redes sociais possibilitou uma interação maior de diversas pessoas unidas por um objetivo comum. Tanto na Primavera Árabe, como nas “Jornadas de Junho” no Brasil, as redes foram usadas como ferramentas contra o poder dos grandes meios midiáticos, denunciando a manipulação da mídia e a ineficiência dos Estados no cumprimento de políticas públicas básicas, como segurança, saúde, educação e infraestrutura.

O ciberativismo no Twitter

A quantidade de pessoas usuárias de internet cresceu e continua crescendo vertiginosamente a cada dia, no Brasil, segundo o Centro de Tecnologia de Informação

Aplicada da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (Eaesp - CIA), em 2013 havia mais de 118 milhões de dispositivos eletrônicos capazes de conexão com a internet. Diante disso, a internet vem se tornando indispensável na sociedade contemporânea.

A rede social, parte constituinte da internet, possui grande participação no que diz respeito à importância e influência que o mundo virtual tem no cotidiano, pois, é através dela que uma parcela massiva da população mundial tem a oportunidade de se comunicar com diferentes pessoas em distintos lugares do globo e transmitir informações em tempo real, além de outros aspectos que vem determinando o modo de como sociedade se comunica.

Uma vertente que se desenvolveu a partir do advento da internet foi o ciberativismo, que data da década de 1980, quando a internet ainda era precária e em desenvolvimento. O modo de protesto pela rede também era bastante primário e pouco efetivo, entretanto, o desenvolvimento tecnológico e a popularização de produtos eletrônicos no decorrer dos anos trouxe a progressão da eficiência dessa prática.

Em meio a esse progresso, o contingente de usuários de internet aumentou e as redes sociais surgiram tornando-se, atualmente, as principais formas de efetivação do ciberativismo, que vão desde petições online e criação de sites denúncia sobre uma determinada causa até a organização e mobilização de protestos ou manifestações com uma grande quantidade de pessoas.

O ciberativismo tem por definição um conjunto de ações realizadas através da internet, em especial nas redes sociais e que tem como objetivo disseminar ideias seja no campo sociológico, político, cultural, ou qualquer outro. Além de também proporcionar, com essas plataformas virtuais, modos de combater e expor determinadas situações na sociedade que possam estar sujeitas a mudança.

O ativismo virtual possui a capacidade de tornar pensamentos e posicionamentos que antes se encontravam no mundo da abstração virtual, e colocá-los em um campo de ação geográfico, como é o caso de diversas manifestações ocorridas graças ao modo de como a internet é utilizada para fortalecer a luta por direitos sociais.

O modo de ciberativismo varia conforme as ferramentas que cada plataforma virtual dispõe. No caso do Twitter, a disseminação de informação e mensagens em manifestações se dá através de *tweets*, nome dado às mensagens enviadas na plataforma, e que por sua vez podem se dividir em: informativos, opinativos, testemunhais e os

convocatórios. Além disso, ferramentas auxiliam uma transmissão eficiente de informações que são *hashtags*, e *trending topics*.

A *hashtag* possibilita o acesso de mais pessoas ao conteúdo publicado e essas pessoas podem curtir, comentar e disseminar a ideia embutida na mesma. Os *trending topics* por sua vez, em tradução literal, significa “tópicos em tendência” e desse modo, é definido a partir de quais assuntos estão sendo discutidos no Twitter em maior frequência. O uso das *hashtags* está diretamente relacionado aos *trending topics*, já que é a partir de um grande uso de uma *hashtag* ou de palavras relacionadas ao tópico é que se pode estabelecer o assunto mais comentado na rede social.

O Twitter é um exemplo cabal quando se trata de rede social ativista. A adoção do Twitter como rede social voltada para espaço de reivindicações se deu de forma natural, por ser um meio que viabiliza uma comunicação instantânea com um número de pessoas expressivo e ser igualmente bastante pragmático. O Twitter era e ainda é uma opção eficaz quando há o interesse em um ativismo utilizando as redes sociais.

Vários usuários do Twitter, que tem como característica textos de apenas 140 caracteres, mostraram-se grande aliados das manifestações que ocorreram no Brasil durante 2013. A rede social foi usada em larga escala pelos manifestantes com a finalidade de estabelecer locais e horários para as manifestações além de manter a comunicação e a interação em tempo real com pessoas que não estavam presentes fisicamente naquele momento.

No período da “Primavera Brasileira”, no Twitter, as pessoas já tinham oportunidade de ver e refletir em tempo real o que acontecia nas manifestações. Essa rede social também foi ferramenta importante quando, os manifestantes passaram a utilizá-la para difundir informações a cerca da movimentação dos protestos nas ruas, abrindo espaço para pessoas darem seus depoimentos sobre o que estava acontecendo, sobre a atuação da polícia, pessoas contra as manifestações e várias outras facetas dentro de um mesmo momento.

Um levantamento feito pelo Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), em Florianópolis, analisou mais de 1 milhão de tweets em português que tinham “protesto” como palavra chave entre os dias 15 de junho a 09 de julho. Também verificou sobre a localização de onde esses tweets eram feitos, que coincidiu com os locais onde as manifestações ocorreram. Fabio Malini, coordenador do Labic, afirmou, durante o período de pesquisas:

Os movimentos sociais aprenderam que a internet é estratégica para dar força de comoção às suas lutas. Em compensação, todo um conjunto de protestos foi eclipsado pela falta de acesso a banda larga e rede 3G de qualidade (MALINI, 2013, n.p.).

O Twitter mostra-se então como uma rede social versátil e de grande utilidade. Onde as pessoas que utilizam essa ferramenta podem fazer seu uso voltado desde as coisas mais banais do dia a dia até uma participação efetiva em movimentos políticos e sociais capazes de mudar o curso da história de um país.

Considerações Finais

A partir do trabalho apresentado, é percebida uma ligação direta e estreita entre manifestações sociais e a internet, em especial as redes sociais, parte constituinte do ciberespaço. É observada também uma mudança na configuração do surgimento e desenvolvimento de manifestações devido à popularização e interatividade que as redes sociais proporcionam. Com o surgimento na Primavera Árabe, o uso da internet em manifestações sociais caminha seu uso imprescindível e indispensável por conta da eficácia dessa parceria. No caso específico das manifestações em junho de 2013, a pesquisa sobre o engajamento do Twitter, revelou que o uso da plataforma como rede social ativista obteve um desempenho positivo na organização, divulgação e cobertura durante os protestos.

Observou-se também que as redes sociais foram usadas como espaço de fluxos de informações alternativas diante das mídias corporativas onde é conveniente deturpar informações que não condizem com seus interesses e transmiti-las para as massas.

Diante das pesquisas em artigos e livros sobre o uso da internet como ferramenta em mobilizações populares, observa-se a tendência de que manifestações sociais estejam cada vez mais ligadas às mídias e plataformas disponibilizadas na internet, de modo que serão equivalentes e inerentes. Ou seja, as manifestações da rua, físicas e *offline* serão igualmente capazes de transformar o cenário social, político e econômico quanto o ativismo ocorrido em espaços cibernéticos e teoricamente abstratos.

Referências bibliográficas

BBC BRASIL. **Análise do uso do Twitter revela "mapa" de protestos no Brasil.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130710_protestos_tweets_hashtags_cc_mdb>. Acesso em 28 de abr. 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 23.

COELHO, Maurício. **O que são e como funcionam os trending topics.** Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/o+que+sao+e+como+funcionam+os+trending+topics/n1597175643026.html>. Acesso em 28 de abr. 2016.

CRUZ, Melissa. **Facebook revela dados do Brasil na CPBR9 e WhatsApp 'vira ZapZap'.** Disponível em: < <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>>. Acesso em 09 de maio de 2016.

FREITAS, Cláudia. **Retrospectiva - Manifestações de junho agitaram todo o país.** Disponível em: < <http://www.jb.com.br/retrospectiva-2013/noticias/2013/12/17/retrospectiva-manifestacoes-de-junho-agitaram-todo-o-pais/> >. Acesso em 06 de maio de 2016.

JACOB, Pablo. **O Brasil foi às ruas em junho de 2013.** Disponível em:< <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090#ixzz48sIf1QYQ> >. Acesso em 16 de maio de 2016.

JÚNIOR, Antonio Gasparetto. **Fora Collor.** Disponível em:< <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/fora-collor/> >. Acesso em 16 de maio de 2016.

KAFRUNI, Simone. **Índice de computador por pessoa supera média mundial.** Disponível em:<http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/06/10/internas_economia,402375/indice-de-computador-por-pessoa-supera-media-mundial.shtml>. Acesso em 08 de maio. 2016

LIMA, Venício A. de. **Sim. Existe 'controle' da mídia no Brasil.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed761_sim_existe_controle_da_midia_no_brasil/>. Acesso em 09 de maio de 2016.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@Internet e a #Rua:** ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre. Meridional Ltda, 2013, p. 225.

MARTINS, Andréia. **Manifestações de junho de 2013:** Qual é o saldo dos protestos um ano depois? Disponível em:< <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/manifestacoes-de-junho-de-2013-qual-e-o-saldo-dos-protestos-um-ano-depois.htm> acesso 06/05/1016 >. Acesso em 06 de maio de 2016.

MATSUURA, Sérgio. **Pesquisa mostra diversidade do uso das redes sociais pelo mundo:** Na Índia, internautas têm perfis diferentes para se relacionar com pessoas de outra casta. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/pesquisa-mostra-diversidade-do-uso-das-redes-sociais-pelo-mundo-18819081>>. Acesso em 09 de maio de 2016.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Cidadania e redes digitais.** 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010. p. 91 e 93.

TAVARES, Viviane Brunelly Araújo. **O Papel das Redes Sociais na Primavera Árabe de 2011:** implicações para a ordem internacional, por Viviane Brunelly Araújo Tavares. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2012/11/06/o-papel-das-redes-sociais-na-primavera-arabe-de-2011-implicacoes-para-a-ordem-internacional-por-viviane-brunelly-araujo-tavares/>>. Acesso em 09 de maio de 2016.

TRACTO. **Quantas pessoas tem acesso à internet no mundo?** Disponível em: <<http://www.tracto.com.br/quantas-pessoas-tem-acesso-a-internet-no-mundo/>>. Acesso em 09 de maio de 2016.